

4.10. Moinho de maré

Localizado junto ao microtopónimo de Entre os Montes, no coração da cratera do Caldeirão, na ilha do Corvo, encontra-se um antigo moinho, cuja tipologia se distingue de todos os restantes, até ao presente, reconhecidos na Região Autónoma dos Açores.

Trata-se de um imóvel arruinado, com uma planta sensivelmente quadrangular, que se implantou entre as duas principais lagoas da cratera do Caldeirão, adjacente a uma parede de pedra emparelhada, claramente construída por ação antrópica, que cumpre funções de separação do curso de água entre as duas aludidas lagoas.

Quanto á ruína, carateriza-se pela sua alvenaria tosca, de pedra sobreposta ligada com argamassa de terra e argila, claramente associada a uma construção típica de final do século XIX, ou começo do XX. Apresenta uma janela, voltada em direção a uma das lagoas, e uma porta, lateral. Verificaram-se vestígios de argamassa de cimento, mais recentes, muito provavelmente associados a trabalhos de consolidação da estrutura, em períodos recentes da história da ocupação daquele espaço.

A caraterística que melhor distingue a estrutura, e permitiu, desde o primeiro momento, aferir a sua funcionalidade, corresponde à levada de água, que se encontra escavada, debaixo da construção do imóvel. Esse curso de água, de construção antrópica, funcionaria como ligação entre as duas lagoas, sendo que, geograficamente, uma delas encontra-se em posição superior à outra, pelo que a ligação de água entre ambas funcionaria de forma gravitacional. Assim, com a força da pendente da água que correria entre lagoas, seria possível colocar a funcionar um engenho de moagem, assente na estrutura arruinada. Com esta primeira informação, por observação visual, foi possível concluir que a ruína correspondia a um antigo moinho, de tipo de rodízio, também chamados de moinhos de maré.

Essa informação coincidia com a tradição oral local, que refere a presença de um moinho naquele local. O que não era referido, pelos habitantes de Vila do Corvo, era a sua tipologia, que se veio a revelar como única, na Região Autónoma dos Açores, pelo menos até ao presente.

Em 2021 a equipa de arqueologia do Centro do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico dos Açores avançou com um trabalho de caraterização da estrutura, que permitiu fazer um registo do seu método de funcionalidade. Nesse mesmo registo, identificou-se a permanência das duas mós de rodízio, que serviriam o engenho do antigo moinho, e que ainda se encontravam no local, à época da realização do trabalho. Em jeito de conclusão, os arqueólogos avançaram com uma datação, sustentada em testemunhos locais, que apontava para uma construção do começo do século XX, desativada no segundo quartel dessa centúria.

Que motivos levaram à sua edificação e à sua desativação?

O que é possível apurar, presentemente, é que o moinho de maré do Caldeirão era uma estrutura de reduzida dimensão, cuja quantidade de farinha produzida seria sempre diminuta, e dependente das condições climatéricas das duas lagoas necessárias para o funcionamento do seu engenho.

Assim, depreende-se que foi edificado numa altura em que haveria maior necessidade de produção alimentícia, e em que todas as formas de a colmatar seriam

bem-vindas, tendo sido posteriormente desativado quando se verificou que o resultado não corresponderia às expectativas. O motivo que levou à sua construção poderá, inclusive, estar diretamente relacionado com um período de fome e grande crise económica que atingiu todo o arquipélago na sequência de uma violenta tempestade que afetou as infraestruturas portuárias de várias ilhas, em 1893. Sem os portos de comércio para abastecimento das ilhas mais periféricas, certamente o Corvo terá sofrido consequências que podem explicar este moinho.

Trata-se de uma mera hipótese, ainda que parcialmente sustentada no testemunho de José Anacleto, cidadão corvino de 90 anos de idade que chegou a trabalhar na antiga estrutura de moagem e foi entrevistado no âmbito dos referidos trabalhos de arqueologia já mencionados.

De acordo com testemunho de José Mendonça Machado, falecido em 2020, com 100 anos de idade, os donos originais deste moinho terão sido: Francisco Mendonça Machado - 1882-1945; Manuel Pedro Nunes - 1879-1965; Joaquim Pedro Nunes Júnior - 1882-1947; Manuel Coelho de Rita - n. 1879; Manuel Hilário Pombo - 1882-1974. Acrescentou ainda que a utilização da infraestrutura decorria de forma muito pontual, porquanto a maior parte dos cereais a moer eram semeados nas “Terras de Baixo” e o empreendimento requeria transporte moroso até ao Caldeirão.

Lourenço Jorge, nas suas “Notas”, refere ainda a existência de oito moinhos deste género no interior da Caldeira, algo que parece altamente improvável, mas não deixa de ser digno de apontamento, para melhor compreender a sua influência na memória coletiva local.